

SEG Joaquim Ferreira dos Santos _TER_ Leo Aversa _QUA_ Ana Paula Lisboa (quinzenal) _Marta Batalha (quinzenal)_ _QUI_ Cora Rónai _SEX_ Ruth de Aquino _SÁB_ José Eduardo Agualusa _DOM_ Artur Xexéo

CORA
RÓNAI



cronai.wordpress.com
cora@oglobo.com.br



Algumas sugestões de livros

A História falhou conosco, mas não importa.” Essa é a primeira frase de “Pachinko”, de Min Jin Lee. A segunda frase, que fala de um velho pescador e de sua mulher, dá pistas de quem são as vítimas da História — e personagens dessa particular história, que começa em Gohyang, em 1910, e termina em Tóquio, em 1989.

A História sempre falha, em todos os tem-

pos e lugares, com as pontas soltas da humanidade. No caso, falhou com os coreanos que, por um motivo ou outro, tiveram de emigrar para o Japão, onde, conhecidos como “zainichi”, estrangeiros residentes, caíram num vácuo de existência social e legal — já não coreanos, jamais japoneses. Esses gastarbeiters orientais foram alvo de discriminação e de preconceito, e sequer seus filhos ou os filhos dos seus filhos puderam se sentir plenamente cidadãos na nova terra.

“Pachinko” é a saga de uma família e de dois países, e de uma fatia da História desconhecida para a maioria de nós, brasileiros, ainda que histórias de sobrevivência num mundo hostil sejam bem conhecidas de quem quer que tenha raízes distantes.

Acima de tudo, porém, “Pachinko” é um grande livro. Min Jin Lee, filha de coreanos que cresceu nos Estados Unidos, escreve com calma e fluidez, e tem (como a nossa Martha Batalha) o raro talento de dar corpo a personagens complexas em poucas palavras. A tradução é de Marina Vargas, para a Intrínseca.

“A carta de suicídio mais antiga foi escrita no Egito, cerca de 4 mil anos atrás.”

Essa é a primeira frase de “Nós somos o clima”, de Jonathan Safran Foer — e eu desafio quem quer que seja a parar a leitura a partir dessa informação. Que, afinal, um pouco adiante, se revelará não inteiramente real, parte de uma obra da qual o autor se lembra com

‘A autobiografia’, de Woody Allen, é tão boa quanto a gente imaginava que seria; traduzida por Santiago Nazarian

clareza mas que, ainda assim, nunca existiu. Há um paradoxo embutido nesse livro: quem mais precisaria lê-lo provavelmente nunca o fará. “Nós somos o clima” é uma coleção de pequenos (e excelentes) ensaios, que se dividem como capítulos e que se propõem a nos fazer agir em relação às alterações climáticas mudando a nossa maneira de comer.

Ah, Cora Rónai, essa não! Mais um livro sobre clima? Sobre alimentação? Quem aguenta?

Digo apenas uma coisa: leiam.

De verdade, leiam.

É difícil encontrar algo que tanto faça pensar, e que seja, ao mesmo tempo, tão boa leitura. A tradução é de Maíra Mendes Galvão, para a Rocco.

Outros livros não menos ótimos:

“A autobiografia”, de Woody Allen, tão boa quanto a gente imaginava que seria; traduzida por Santiago Nazarian para a Globo.

“A menininha do Hotel Metropol: minha infância na Rússia comunista”, de Liudmila Petrushéskaia, leitura essencial para quem acredita em utopias, em tradução de Cecilia Rosas para a Companhia das Letras.

“Wolf Hall” e “Tragam os corpos”, de Hillary Mantel, os dois primeiros volumes da extraordinária trilogia sobre Thomas Cromwell que a autora terminou esse ano, tradução de Heloisa Mourão para a Todavia.

“Por trás das palavras”, de Cezar Motta, sobre “as intrigas e disputas que marcaram a criação do Dicionário Aurélio, o maior fenômeno do mercado editorial brasileiro”, a “biografia” de um dicionário que se lê como um romance — ou a grande reportagem que é. Edição da Máquina de Livros.